

A aura do objeto fantasiado: fantasma, fantasia e imagem em Husserl

The aura of the fantasized object: phantom, fantasy and image in Husserl

El aura del objeto fantaseado: fantasma, fantasía e imagen en Husserl

DOI: 10.5281/zenodo.21850889

Recebido: 03 ago 2026

Aprovado: 06 ago 2026

Caio César Costa Santos

Doutor em Psicanálise pelo Instituto Gaio de Ensino Superior, Lagarto - Sergipe, Brasil.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

Este ensaio tem o objetivo de contornar e apresentar de modo mais detalhado a fenomenologia da fantasia de Edmund Husserl. Inicialmente, abrindo o ensaio tratamos da teoria do fantasma (*phantom*) em Bühler (1967) e Husserl (2005). Em um segundo momento, tratamos do conceito de “representação” e “fantasia”. Em um terceiro momento, tratamos da “imagem do objeto”. E, por último, em um quarto momento, apresentamos a perspectiva de Husserl (2005) sobre “a aura do objeto fantasiado”. Em suma, concluímos dizendo que a teoria da fantasia husserliana é um dentre vários modos de colocar o estudo da fantasia como um dos fundamentos mais importantes das ciências em geral.

Palavras-chave: Aura; Objeto fantasiado; Fantasma; Fantasia; Imagem.

ABSTRACT

This essay aims to outline and present in more detail Edmund Husserl's phenomenology of fantasy. Initially, we discuss the theory of the phantom in Bühler (1967) and Husserl (2005). Secondly, we address the concepts of "representation" and "fantasy." Thirdly, we discuss the "image of the object." And finally, fourthly, we present Husserl's (2005) perspective on "the aura of the fantasized object." In short, we conclude by stating that Husserl's theory of fantasy is one of several ways of positioning the study of fantasy as one of the most important foundations of science in general.

Keywords: Aura; Fantasy object; Ghost; Fantasy; Image.

RESUMEN

Este ensayo pretende esbozar y presentar con mayor detalle la fenomenología de la fantasía de Edmund Husserl. En primer lugar, analizamos la teoría del fantasma en Bühler (1967) y Husserl (2005). En segundo lugar, abordamos los conceptos de «representación» y «fantasía». En tercer lugar, discutimos la «imagen del objeto». Finalmente, en cuarto lugar, presentamos la perspectiva de Husserl (2005) sobre «el aura del objeto fantaseado». En resumen, concluimos afirmando que la teoría de la fantasía de Husserl es una de las diversas maneras de posicionar el estudio de la fantasía como uno de los fundamentos más importantes de la ciencia en general.

Palabras-clave: Aura; Objeto de fantasía; Fantasma; Fantasía; Imagen.

Karl Bühler, em 1934, em sua obra fundamental *Sprachtheorie* (“Teoria da Linguagem”) descreve, fenomenologicamente falando, uma teoria representacional da linguagem. Bühler foi, além de linguista e psicólogo alemão, considerado um filósofo. Tinha, em sua época, lido Immanuel Kant e Edmund Husserl, pois, não é à toa, que a sua filosofia pode ser considerada uma “filosofia” aos moldes da fenomenologia husserliana ao descrever um percurso bem sólido e fundamentado sobre como a linguagem, enquanto um fenômeno perceptual, passa a representar os signos linguísticos fenomenologicamente. Neste ínterim, para Bühler, a linguagem, enquanto uma determinação lógico-gramatical, não deixa de ser um *fenômeno stricto sensu* devido, sobretudo, à ontologia do próprio ser da linguagem ser, para cada signo no fenômeno contido, a consequente e imanente aparição de seu conteúdo representativo. Ou seja, para Bühler, diante de todas as funções da linguagem, a função primordial é a de *representar*. No caso, “representar”, através do signo linguístico; e até primariamente - através do fenômeno - uma dada experiência ordinária - onde esta se encontra no limite dos nossos atos de percepção.

Começamos este ensaio, citando Bühler (1967) porque é justamente - Bühler (1967) - até contemporâneo de Husserl - que irá tratar também em seus escritos de uma “filosofia da linguagem a partir de um método também fenomenológico”. Poucas mentes sabem disso - que Bühler (1967), como grande teórico da linguagem, bebeu também da fonte “fenomenológica” e, também, muito antes, dos conceitos kantianos de “percepção”; “apercepção”; “conteúdo”; “representação”; “sujeito pensante”; “juízo”, etc; demonstrando que, para um teórico da linguagem, o fundamento para toda e qualquer ciência passa pela filosofia. E, além do mais, para todo o fenômeno que aparece - uma “fenomenologia” é o fundamento-chave ou, em termos metafóricos, a “moldura” essencial para descrever, de modo até detalhado e sucinto, a multiplicidade heteróclita de aparição de fenômenos de todos os tipos, dentro, claro, no contexto de Bühler, do liame linguístico. Com este sentido, dentro da contextualidade do fenômeno da linguagem, Bühler foi um dos pensadores continuadores do pensamento husserliano; o que, como dito, é um fato verídico que poucas pessoas sabem. Em uma palavra, Bühler representou em seus manuscritos um itinerário fenomenológico acerca, sobretudo, da constituição linguística e lógica dos signos da língua, principalmente, àqueles referentes à demonstração (*demonstratio ad oculos*) e à fantasia (*deixis am phantasma*). E é sobre este último ponto peculiar que falaremos um pouco sobre, a fim de introduzir o tema do fantasma na fenomenologia husserliana da fantasia.

Neste limite, suponhamos que Bühler (1967) como teórico da linguagem tenha possivelmente lido e se apropriado da teoria do *phantasma* de Edmund Husserl a fim de retroalimentar a sua teoria da linguagem demonstrativa *in absentia*. Queremos dizer com isto que o Bühler se apropriou não tão somente do método fenomenológico, mas também, em se tratando do contexto do fantasma, tenha possivelmente lido (como

dizemos) a sua obra sobre a fenomenologia da fantasia com o intuito de absorver dali um aparente e profundo arcabouço teórico e fundamental acerca do fenômeno do fantasma. Em contrapartida, no contexto buhleriano, estamos tratando de uma teoria da/para a linguagem, enquanto que, em Husserl, o seu objetivo fundamental é apresentar uma sistemática bem detalhada descritivamente sobre o fenômeno da aparição, da apreensão e da apresentação na fantasia através do *fantasma sensorial*. Voltando a Bühler (1967), o seu objetivo era, por outro lado, trabalhar com as relações espaço-temporais do fenômeno perceptual da “dêixis”, neste caso, a *deixis am phantasma*. Ao o autor ler todo o capítulo da sua obra dedicado à “dêixis”, fica saliente o quanto há uma possibilidade muito grande de Bühler ter lido a *Husserliana XXIII* a qual é o objeto de estudo e interpretação desta presente obra; não em sua totalidade dada a densidade característica do tema e do próprio método fenomenológico, mas, sobretudo, no tocante ao *fantasma*.

Dentro deste contexto, Bühler (1967) diz que a *deixis am phantasma* é um fenômeno perceptual e até sensório-motor que acontece na *fantasia construtiva*. Este termo “fantasia construtiva” é do próprio Bühler para demonstrar que as relações dêiticas de espacialidade, temporalidade e corporeidade, acontecem também em uma dimensão ou em um “lugar” do “como se”. Deste modo, é claramente nítido que Bühler tenha mesmo absorvido da teoria do fantasma husserliano a fim de tecer e descrever os sucintos e peculiares modos de orientação espaço-temporal da *deixis am phantasma*. No capítulo dedicado ao tema, Bühler usa o exemplo do teatro chinês em que tinham dois soldados em um cenário de batalha e, com os gestos das mãos, eles desenhavam e, posteriormente, apontavam para uma linha marcadamente invisível no palco que seria uma suposta e fantasmática ponte que ligava os dois. De modo determinado, esta demarcação da ponte tenha sido feita e construída não necessariamente de modo imaginativo ou mesmo ilusório, mas demarcada e demonstrada deiticamente pela *fantasia construtiva*. A fantasia construtiva nada mais é, nos termos de Bühler (1967), do que a apreensão de um objeto perceptual a partir da apresentação da fantasia. Aqui, devemos colocar o reino da imaginação de lado porque “imaginar” é um ato perceptual muito do diferente que “fantasiar”; simplesmente porque a fantasia está em um nível acima do da imaginação, embora estes dois atos perceptuais estejam ligados pelo *fio invisível* que *interliga* estes dois modos de apreensão e apresentação representacionais.

Logo, a suma questão que Bühler (1967) coloca é que é possível se orientar e mesmo se movimentar no espaço imaginado da fantasia construtiva de modo que o sujeito pensante, através da reflexão conjuntamente com a temporalidade, este sujeito consegue, pelo ato perceptual e notadamente reflexivo que o compõe e o constitui, “caminhar” pela via da fantasia construtiva. Porém, é importante dizer que tudo isso feito e construído única e exclusivamente - *dentro da mente* - devido ao fenômeno dos atos representacionais. Neste sentido, então, o que Bühler, contemporâneo de Husserl faz é algo de muito

semelhante. Enquanto Husserl (2012) descreve uma teoria das representações intuitivas constituídas de um lado, pela apreensão perceptual e, de outro, pela apreensão da fantasia; Bühler (1967), diante de sua teoria representacional da linguagem, constroi uma linha marcadamente “invisível” que une os atos representacionais aos atos perceptuais (ou da percepção). Novamente, enquanto um vai pelo lado de tentar construir uma teoria representacional da intuição (da “memória”, da “consciência” e da “fantasia”), o outro tenta construir uma teoria representacional da linguagem (da “língua”, do “pensamento” e da “percepção”). Bühler (1967), então, toma a vivacidade da teoria intuitiva do fantasma sensorial de Husserl (2017), partindo, sobretudo, das apresentações e representações da fantasia e, no tecido da formação representativa da linguagem, insere ou mesmo associa estas (re)apresentações na dinâmica do orientar-se deitivamente. Assim, enquanto Husserl (2005) vai tecendo os seus argumentos na fundamentação de uma teoria ou mesmo um arcabouço para uma fenomenologia da fantasia; Bühler toma de assalto suas teorias para tentar, na medida do possível, *corporificar* na base ou no liame da língua, os atos representacionais da deixis am phantasma que incitam o modo de apreensão da fantasia.

Uma questão fundamental presente aqui é, que em sua teoria representacional da linguagem, Bühler (1967) deixa claro para nós, a partir do conceito de *fantasma* de Husserl (2005; 2017), que é possível orientar-se pela via do *pensamento*. O que, mais tarde, outro filósofo da linguagem chamado François Récenati (2013), vai classificar este “orientar-se pela via do pensamento” de *pensamento indexical*. Assim, para ambos pensadores, no interior das abstrações da maioria dos fenômenos de nossa mente, todos eles são tecidos com o fino fio invisível (e claro, abstrato) dos atos representacionais sendo primariamente cada índice de apreensão perceptual o objeto indivisível projetado, ou seja, retroalimentado pelas apresentações da *fantasia construtiva*. Então, no exemplo de Bühler do teatro chinês, na arte dramática, como quase em todas as artes de um modo geral, é possível *incorporar* atos de representação a partir dos atos da percepção, pois estes, além de estarem mais próximos da cena, são o produto ou a essência por onde formarão e transformarão os atos *subsequentes*, ou seja, pela via da representação. Neste sentido, enquanto o ator está em cena, um aglomerado de sensações em forma de signos representativos invadem a sua mente dos quais e pelos quais os atos sensório-motores ou da percepção são construídos para, por fim, em cima destes, serem coconstruídos, ou seja, representados (ou lembrados) os atos posteriores.

Na forma de apresentação da fantasia no ato representacional de criar a ponte, os atores, diante daquela tábua ou aquele pedaço de madeira imaginam que ali, no encontro deles dois e na divisão que aquela ponte os provoca, está, diante os olhos do espírito deles, *a ponte de Concórdia*, no pensamento de Bühler. E, assim, um simples pedaço de madeira amorfo e sem vida, se transforma, pela apresentação da fantasia, a *ponte de Concórdia*. Então, nós podemos nos questionar: de onde advém ou de onde surge

subitamente esta apresentação do fantasma? Qual seria, portanto, a sua unidade ou o seu ponto originário? Qual a relação com a apresentação presente e, portanto, perceptual? Por que o nome “fantasma”? De onde, então, surgiriam as sensações deste fantasma? Por que Husserl chama o fantasma de *fantasma sensorial*? Por outro lado, poderiam coexistir ainda outras perguntas como: o que é que torna estes fantasmas algo “orgânico” ou, em uma palavra, “vivo”? Ou seja, de onde o fantasma subtrai a sua verdade como “fantasma” que podemos chegar a falar também de uma “vivacidade do fantasma”? O que está por detrás desta “lógica composicional fenomenológica da fantasia”? Como no exemplo que damos: como um pedaço de madeira pode se transformar numa ponte real existente verdadeiramente no mundo? Ou seja, como se constituem estes objetos de imagem por meio dos atos representacionais? Como, então, o objeto da fantasia aparece para mim? A realidade-fantasma é “pura reflexão”? Qual a relação das sensações com os fantasmas? Por fim, o objetivo central desta nossa obra é tentar aqui definir caracteristicamente dois aspectos profundamente essenciais do fantasma - primeiro - a mudança ou modificação de sua força sensorial - e segundo - a intensidade da vivacidade do fantasma - tudo isto tentando novamente explicar por um método fenomenológico - que algo é este que torna as apreensões e apresentações da fantasia tão ricas e coloridas com um teor de animosidade tão característico, que se pode falar ainda de uma *vivacidade do fantasma* (?). Por fim, a nossa hipótese é a de que tal “vivacidade do fantasma” apesar de o fantasma ser não-presente, inatural, virtual e absolutamente pura representação; supomos que este mesmo fantasma tenta, em seu conceito característico, absorver ou extrair de todas as apreensões perceptuais (ou da percepção) o conceito da concretude que faz materializar e até potencializar as apreensões da fantasia.

Na *Husserliana XXIII* (1898-1925), Husserl escreve sobre três coisas ou três conceitos fundamentais - a saber - *percepção*, *fantasia* e *tempo*. Sobre a percepção (*Wahrnehmung*), Husserl (2005) a define, em sua fenomenologia da fantasia, com os objetos e os atos perceptuais (ou seja, da percepção) que estão absolutamente presentes em todos os modos de apreensão. Com isto, ele fala de termos como “apreensão perceptual”; “ato perceptual”; “objeto perceptual”; “apresentação perceptual”; “unidade perceptual”; “consciência perceptual”; “vivacidade perceptual”, etc. Tudo isto, ou seja, com a construção destes termos “novos”, fazê-los se diferenciar daqueles que englobam a fantasia. Para Husserl, no tocante à percepção, primariamente falando, todos os modos de apreensão dos objetos do mundo natural estão contidos, todos eles, nos atos de percepção (“perceptuais”). O que nos leva a dizer inicialmente que o fenômeno da percepção traz em seu bojo a vivacidade característica do mundo natural das coisas, ou melhor, de todos os objetos em geral. Em todo o conjunto da *Husserliana XXIII*, Husserl (2005) deixa claro para nós a nítida e absoluta subdivisão entre o *mundo perceptual* e o *mundo da fantasia*. Ainda na percepção, Husserl nos esclarece que por trás de todo o fenômeno inicialmente se encontra um *ato* e este *ato* é, de todo modo

absoluto, perceptual (ou seja, da “percepção”). Em *Ideias I*, Husserl (2012) deixa claro lá que em *todo ato* há uma *intenção* porque dentro de cada ato destes há uma “consciência perceptiva” que faz nada mais que conectar o fenômeno apreendido pela percepção e transformá-lo em algo determinado e com sentido. Husserl denominou estes atos de *atos intencionais*. Desde as *Investigações Lógicas*, Husserl (2024) trabalhava com este conceito de *atos intencionais* que, para ele, não são nada mais que “atos primariamente ‘conscientes’” e, ainda segundo ele, cada ato em si é um ato mental (ou “consciente”) simplesmente porque há, por trás daí, uma *intencionalidade*. Como dado exemplo, se eu levanto o meu braço e com as minhas mãos aponto para um objeto na minha mesa; isto claramente é um ato dado intencionalmente simplesmente porque a construção do ato de “apontar” foi executado, primeiro, por mim mesmo e, segundo, houve da minha parte uma intenção, podendo esta ser “consciente ou não”, mas houve o *ato*.

No momento em que, com a percepção que determina a qualidade do meu ato, eu, como sujeito pensante, estou dentro do *mundo do meu ato*, ou seja, este ato pertence somente a mim, gira em torno somente de mim e tudo que eu fizer *este ato* terá relação comigo, mas, claro, no momento em que ele, o ato, estiver *existindo*. Portanto, enquanto eu tiver “vida pensante e intencional” neste ato, eu estarei lá na cobertura e até na profundidade deste ato simples e ordinário de “apontar para um objeto”. Por outra perspectiva ou outra visão perceptiva, se eu olhar em direção, ao mesmo tempo em que aponte, tomar o meu olhar para o objeto, ou seja, focar a minha atenção para o objeto que se encontra diante de minha mesa, existirá aí, outros e, portanto, novos modos de apreensão do objeto percebido simplesmente porque eu desviei o fenômeno do meu “olhar” para outra determinada situação, logo, a apreensão do ato anterior a mim, que foi o de “apontar para o objeto”, sofre uma espécie de apaziguamento da cobertura do meu campo perceptivo quando o meu olhar atento agora está imerso na composição do objeto à minha mesa, ou seja, em sua forma e em seu conteúdo, característicos. Assim, o primeiro ato acaba como que aos poucos desaparecendo e dando lugar ao novo ato que é a minha vista perceptiva de ver o objeto de modo mais próximo e, portanto, de enxergar, pelo reflexo do meu segundo ato, que é olhar para o objeto, a sua transparência ou a sua nitidez características. Como nos diz Merleau-Ponty, (2018) “eu saio de mim mesmo e me projeto para fora de mim mesmo”.

Neste sentido, há, no interior mesmo do meu ato, uma expansão natural do meu campo perceptivo que, pela força da qualidade do “apontar para o objeto”; esta mesma “força perceptiva” é doada agora para o meu segundo ato que é o de ver o objeto que, para mim, estava nebuloso ou escurecido. Neste ínterim, isto demonstra para nós que: para cada *ato*, uma *apreensão* e, para cada apreensão, um *conteúdo*. O ato que é ato por natureza já está essencialmente envolvido com o seu modo de percepção, pois, o ato mesmo já é de antemão a percepção. No entanto, a questão que se coloca aqui é que por detrás de todo o *ato* há,

correlacionado, um *signo* e, um signo, nos remete a uma *representação*. Porque, antes mesmo de um conteúdo aparecer, o próprio ato em si já é de antemão um ato representacional, mas, claro, depois de ser um ato perceptual. Assim, praticamente em todos os escritos de Husserl, ele está nos informando sobre a diferença capital entre “percepção” e “representação” por conta simplesmente desta absoluta e aparente diferença. Ou seja, um é o “concreto” e o outro é o “abstrato”. Todas as abstrações que se dão no interior de um dado campo perceptivo não acontecem de forma nenhuma na percepção, mas na representação. Seria como o ato e a potência de Aristóteles. Aqui, a percepção seria o “ato” e a representação seria a “potência”; muito embora, no contexto de sua constituição, um se liga normalmente ao outro. Em boa parte de seus escritos, Husserl (2005) diz que “os conteúdos sem apreensões são escuros e as apreensões sem conteúdos são vazias”. Ou seja, eu tenho um ato e, deste ato que se encontra em potência, me surgem outros atos; estes últimos são protoformações do ato originário (o primeiro). Assim, deste modo, eu tenho o ato, que é a minha percepção absolutamente originária e, em seguida e ao mesmo tempo, a partir de minhas apreensões, ou os atos seguintes. Estes últimos absolutamente *atos representacionais*, ou seja, originados da potência do meu ato primeiro, ou seja, “perceptual”.

Numa visão bastante ordinária, primeiro eu toco o solo para depois acessar o subsolo de mim mesmo, ou seja, de todos os meus atos intencionais que estes, por natureza, são conscientes, imediatos e atuais. Por detrás de cada consciência do ato, há a qualidade do ato, sendo este; perceptual ou representacional. E, no interior de cada apreensão dos meus próprios atos, um conteúdo originado ora do meu campo perceptivo originário, ora do meu campo perceptivo representacional. Em síntese, Husserl (2005) quer nos demonstrar com isto que, ao nosso ver, dentro da faculdade da reflexão da própria espécie humana, coexiste somente dois modos de apreensão de um objeto - ou pela via da *percepção* - ou pela via da *representação*. O primeiro relacionado à manifestação exclusivamente *material* dos objetos (e das coisas) e o segundo relacionado à manifestação *imaterial* (ou seja, ideal e, portanto, abstrata) dos fenômenos. Talvez, ao nosso ver, somente talvez, toda a fenomenologia husserliana gira em torno desta absoluta interrelação entre de um lado - a *percepção* - e - de outro - a *representação*. Logo, os conteúdos sem apreensões são “escuros” porque eles são absolutamente ou uma “pura percepção” ou uma “pura representação” ou, no tocante aos dois fenômenos, seriam, os dois, “puras abstrações”. Existem conteúdos sem apreensões que são aqueles que “dormem” o sono profundo e absoluto de seu centro ou núcleo egocêntrico. Ou seja - é o núcleo escuro e vazio da coisa - o objeto nele mesmo e por ele mesmo. Assim “os conteúdos sem apreensões” nada mais do que “puras abstrações” onde pelas quais e através das quais não encontram uma saída ou mesmo uma abertura para *se fenomenologizar*. Então, torna-se preciso da

essência do ser, ou seja, de seu componente *eidético* para que aquele objeto ou aquela coisa passe a se tornar “consciente” através de nossos atos de *percepção* e de *representação*.

Por outro lado, “as apreensões sem conteúdos” são “vazias” simplesmente porque toda a *apreensão* terá contido nela um *conteúdo* porque senão não seria uma determinada “apreensão” (Husserl, 2005). Em toda a apreensão há anteriormente um ato que se liga a um determinado conteúdo representativo ou não. Este “conteúdo” pode ser originado tanto do *mundo dos fenômenos* (ou seja, da relação imediata com as coisas), como do *mundo da fantasia* (ou seja, uma mera construção da mente). Sendo deste modo, a origem da percepção se encontra no mundo das coisas (ou seja, mundano), enquanto que a origem da representação se encontra no mundo da mente (ou seja, psíquico). Embora todos os dois componentes da vida estejam absolutamente interligados porque um é a face do outro; cada um recebe dos mundos de relações as formas e os conteúdos singulares e/ou peculiares a cada um.

Agora, falaremos sobre o segundo elemento que aparece na *Husserliana XXIII* que é a *fantasia*. No tocante à fantasia, Husserl, como na maioria de seus escritos, está preocupado em “como um respectivo e determinado objeto *aparece*”. Ou seja, é dentro desta lógica entre de um lado - *aparição* - e de outro - *velamento* - que quase toda a fenomenologia husserliana *se projeta*. Assim, a apreensão do objeto pela *percepção* é transparente, nítido, presente, atual, imediato, concreto e etc. Por outro lado, a apreensão do objeto pela *representação* é escuro, nebuloso, velado, oculto, inatual, ausente, abstrato, etc. Aqui, ou seja, na fantasia, Husserl está preocupado necessariamente em como os objetos são representados no momento mesmo em que eles aparecem, mas, “aparecem”, não fundamentalmente à percepção imediata (ou seja, uma “aparição perceptual”), mas como eles “aparecem” no interior da minha mente, a partir de *cogitationes*. Em outras palavras, como eu fico ciente ou mesmo consciente das aparições destes objetos por intermédio das minhas *apreensões*, neste caso, da *fantasia* (Husserl, 2005).

A percepção está no nível da “*presentação*”, enquanto que a fantasia, a memória e a consciência de imagem estão no nível da “*representação*”. Na “*presentação*”, Husserl (2017) diz que eu sou consciente de determinado objeto como estando “presente” e, além disto, eu também sou consciente do objeto enquanto ele, o objeto, está “*factualmente existindo*”. Logo, “*presentação*” está no nível da percepção, ou seja, dos “atos”, das “apreensões”; dos “conteúdos”; todos eles relacionados ao meu próprio campo imediato de relação perceptiva. Assim, a partir de crenças, valores e/ou julgamentos o meu campo perceptivo é preenchido ou alimentado por conteúdos intencionais que, eles próprios, representam todos os meus atos e apreensões perceptuais. Ou seja, no nível da percepção, os atos são representados, sobretudo, pelo campo entreaberto da minha faculdade de refletir os objetos do mundo quando, na verdade, aqui, os meus atos são exclusivamente “sensório-motores”, ou seja, repleto de “sensações” mais “dinamicidade”. Para que fique

mais claro, o tradutor da obra *Phantasie, Bildbewusstsein und Erinnerung* (1898-1925), traduzida do alemão para o inglês, que assina também a introdução diz que: “Então, Husserl argui que a percepção não é apenas um tipo de consciência que apreende o que presentemente existe. Além disto, para a consciência representacional do passado e do futuro, há também uma consciência representacional de algo que agora existe, mas não está presente” (Brough, 2005, p. 32 da introdução). O que nos leva a dizer novamente aquilo que tenhamos dito anteriormente, a saber, que existem dois modos de consciência em todo o tipo de ato - o “perceptual” - a apreensão do objeto no *ponto originário* em que ele se encontra e aparece - e o “representacional” - a apreensão do objeto no *ponto intermediário* entre a “percepção” e a “representação”. Acontece que sem a “percepção” a “representação” não coexistiria ao lado da percepção e, sem a “representação”, o ato mesmo e próprio do “perceber” não poderia também coexistir porque, apesar de ser a percepção, um dado “absoluto”, ele, ainda assim, necessita da “reflexão” para tornar-se um “ato perceptual” simplesmente porque um “ato” já é em si de antemão um “ato reflexivo”.

No caso da fantasia, eu estou consciente de algo que agora está existindo, porém, como meramente *representado*. Ou seja, toda a apreensão do objeto é representada por uma consciência de imagem; a imagem do objeto aparece a mim como *dado representado*. Eu tenho em minha frente a imagem de um objeto representado que reluz diante de mim e me aparece de forma súbita, inesperada e também paradoxal. Porque embora eu, como ego pensante e transcendental, esteja imerso dentro de mim na imagem deste objeto, eu tenho à minha frente também um mundo de relações entre objetos vários. Porém, no entanto, eu fico totalmente ou quase que absolutamente imerso e contido na imagem do objeto que apareceu a mim e eu o apreendo na forma de uma imagem já que o objeto não é, para mim, “perceptual”, mas “representativo”. No exemplo de Bühler, isto seria a pura representação da ponte de Concórdia que aparece a mim como imagem quando eu tenho em minha frente, em cena, um grande pedaço de madeira. Neste caso, eu tenho à minha frente, um objeto perceptual que me faz como “modelo perceptual” para que eu apreenda a ponte como agora minha relação que no momento está existindo. A fórmula de Husserl para isto é nos demonstrar que a existência (*existenz*) de um objeto não é meramente o seu estado concreto que eu agora me encontro diante dele, mas a imagem do mesmo objeto (em imagem e semelhança) que agora apareceu para mim, no entanto, porém, em forma de *imagem*. Logo, assim, a consciência de imagem seria a aparição do objeto que se forma diante de mim na forma de imagem. Ou seja, eu tenho consciência da imagem do objeto porque o objeto perceptual em sua apreensão me fez aprender a sua representatividade. Então, do objeto em forma de percepção, eu, por outro lado, agora vivencio o objeto diante de mim na forma de representação (“reflexão”). Este acontecimento poderia também ser explicado nas linhas que se seguem: “na memória, eu acredito que o que eu lembrei atualmente existiu no passado, embora também

seja verdadeiro que minha crença memorial deriva de uma percepção passada em que o que eu recordei era dado originalmente no modo de crença” (Brough, 2005, p. 33, da introdução).

Ou seja, eu creio que vi um objeto à minha frente e estou consciente que este mesmo objeto continua agora existindo, só que representado, dentro de mim. Para Husserl, o objeto é *transcendente*. Isto porque o objeto e o ato nos *aparecem* tanto em percepção como em representação. Ou seja, o objeto que agora está “existindo” pode “existir” tanto na minha percepção como também na minha fantasia. O “agora existindo” carrega uma semântica dual: que é a dualidade entre “presença” e “representação”. A “presença em pessoa” está contida em todos os objetos que agora estão existindo *presentemente*. Por outro lado, a “presença-ausência em pessoa” já está contido em todos os objetos que agora estão existindo *inaturalmente* (ou seja, ausentemente). Portanto, enquanto egos pensantes e transcendentais, estamos ora no mundo do ato, no mundo do objeto ou no mundo das minhas apreensões e/ou representações. Posteriormente, quando somente representado, tais “mundos” passam também a coexistir para mim ao mesmo tempo representativamente. Então, como afirmamos na introdução e como Bühler pensara, “eu posso agir e me orientar livremente pelo meu pensamento”. “Se percepção é a consciência do que agora existe, a memória é a consciência do que é passado” (Brough, 2005, p. 34, da introdução).

A memória da fantasia se *retroalimenta* principalmente de atos representacionais. O ato da percepção é o único ato *atual* em toda a relação de representação. Todas as demais apreensões em potência são os atos secundários e, portanto, representativos. Depois de um ato, há uma apreensão perceptual porque, na lógica e no mundo do ato, a percepção nos aparece primariamente por ela ser a originariedade de todo o ato em percepção. Logo, “percepção” é “ato”. Em contrapartida, quando um ato aparece, na própria aparição deste ato, surge, pela primeira vez, a apreensão perceptual do ato mesmo originário. Com isto, e partir daí, ato apreendido pela percepção, este mesmo ato passa agora a existir em representação na forma de apreensão da fantasia quando na ausência do ato presente, a representação toma o ato perceptual como sua própria imagem deste ato. Eis daí que surge a *consciência de imagem*. A forma do ato mesmo em representação adquire agora a forma e o conteúdo do ato em percepção; ou seja; àquele que agora tenha sido acabado de existir. Agora em diante, o que agora persiste a existir é somente a imagem do ato anterior ou precedente através da consciência de imagem do objeto que primariamente foi percebido. Então, deste modo, no mundo e na qualidade do ato, o único ato atual mesmo é o primário enquanto que os demais outros atos são inatuais, ou seja, sempre e eternamente em vias de atualização. Como pode ser explicado no excerto a seguir: “pelo contrário, a fantasia, como devemos ver, transporta-nos para o seu próprio mundo em que o que é fantasiado não acreditava ser atual em tudo” (Brough, 2005, p. 34, da introdução). Assim, a memória da fantasia é a relação da representação de um objeto que existiu ou que agora acabou de existir,

retroalimentada por ora retenções e ora protensões. “Se segue que a memória não é simplesmente a consciência de um objeto passado, mas consciência de ter ele como tendo sido percebido por mim em meu passado aqui e agora. Quando eu lembro de um pôr do sol, por exemplo, eu lembro dele como algo que eu uma vez percebi” (Brough, 2005, da introdução).

Portanto, segundo Husserl (2005), a memória da fantasia é a *reexperiência* ou o *ato duas vezes*, Ou seja, eu tenho a percepção de um objeto que agora está existindo ao lado e ao mesmo tempo eu tenho a memória de um objeto que agora está existindo, porém, todavia, de modo não-presente, ou seja, sem a presença da aparição do objeto perceptual. Logo, uma coisa é “perceber em presença”; outra coisa é “perceber em ausência”. Os dois modos de apreensão do objeto são válidos, só que, porém, o primeiro acontece na percepção e o outro na representação. Além disto, tanto em um como em outro, o objeto pode aparecer tanto na luz do dia quanto na luz da noite. E este pensamento tem um sentido conotativo porque, “na luz do dia”, o objeto está presente e, por outro lado, “na luz da noite”, o objeto está ausente. Assim, tanto em um como em outro, a aparição do objeto tanto em carne o osso, quanto em imagem fornecerá o tom e o teor da vivacidade que lhe é própria de origem; ou seja; ou na memória de um ato anterior que me lembra o objeto que para mim agora é meramente representado, ou mesmo no ato próprio e único de perceber pela primeira vez o objeto com toda a sua vivacidade determinadamente originária. Deste modo, o “agora-atual” pode ser o agora-existindo na minha percepção, como também o agora-existindo na minha fantasia. Ou seja, “o ato de memória em si mesmo não é passado; ele existe no agora e ocorre simultaneamente com o meu perceber atual e com meus outros atos que eu devo presentemente está realizando” (Brough, 2005).

Ou seja, o que nos é interessante a perceber disto é que tanto a apresentação, quanto a representação tem, as duas, um modo próprio de apreensão e, logo, uma dinâmica de correlação imanente. Muito embora a “apresentação” ocorra, de modo inicial, no presente, ou seja, na percepção, eu também tenho modos de apreensão do presente, ou seja, do agora-atual na apresentação da fantasia. E o mesmo modo de “orientar-se” segundo a lógica e o fundamento dos atos são muito do muito semelhantes; acontece, porém, que na percepção a “apresentação” é o dado presente mesmo na qualidade do ato presente e já na representação a “apresentação” toma o agora-atual da percepção, apreendo, na fantasia, como dado não-presente, ou seja, ausente. Como o próprio tradutor e ensaísta John Brough (2005) diz na introdução da obra de Husserl: “a consciência de ser o que caracteriza a existência atual tem sido emasculada na fantasia”. Ou seja, Se um objeto existe agora para mim em percepção, isto exclui a possibilidade de ele existir perceptualmente falando na minha fantasia justamente porque a apreensão da imagem de um objeto percebido na fantasia somente deve aparecer a mim na forma de representação, logo, a “representação” é o segundo ato ou a

segunda ação da percepção. Contudo, como vimos, este segundo ato (secundário e inatural) aparece diante de mim não como ato perceptual (ou percebido), mas “percebido” pela segunda vez, ou seja, na forma de fantasia. Deste modo, segundo Husserl (2005), existe sim uma consciência da fantasia de algo existindo, no entanto, apenas “existindo” no “como se” estivesse existindo. Logo, este “como se” é, por natureza, a função representacional da fantasia que, em sua consciência transcendental, transporta-nos para um mundo do possível, ou seja, das infinitas possibilidades de realização.

Segundo Husserl (2005), a *imagem do objeto*, caracteristicamente falando, *flutua* continuamente e simultaneamente de um ato a outro que, com a potência própria do ato, faz modificar a sua relação com o objeto perceptual que, apesar da sua inaturalidade característica, tornam-se espécimes de imagens com uma própria força automovente e autopotente capaz de ainda modificar, na qualidade do objeto, a sua forma, a sua cor, a sua tonalidade com inteireza de detalhes. Ainda de acordo com Husserl (2005), a apresentação da imagem do objeto faz do objeto estável da percepção um objeto em profunda síntese também de atualização. Porque não é tão somente a percepção ou o ato perceptual do objeto físico que se atualiza por ele mesmo, mas, como também, a apresentação, ou melhor, a presentificação da fantasia que faz com que o objeto estável em sua fixidez momentânea passe a se tornar *atual* em tudo. Porque ainda tanto a força do objeto e do ato perceptual doa a sua unidade característica para a fantasia, quanto a fantasia com os seus atos representacionais próprios doa a sua força para o objeto perceptual. Toda a fenomenologia husserliana gira em torno (ou contempla) dois modos apesar de distintos e paradoxais, essencialmente correlacionados que são - de um lado - a “percepção” e - de outro - a “representação”. A imagem do objeto, então, flutua de ato em ato, de objeto em objeto e de apreensão em apreensão. Muito embora a força (*stärke*) da apresentação da fantasia esteja quase que totalmente na percepção, ou seja, em todo o ato perceptual. Segundo Brough (2005), “o objeto fantasiado também aparece mais ou menos vago e, como o objeto recordado, é visto como se segundo um *véu* ou uma *névoa*”. Na fantasia, é absolutamente normal que a apreensão do objeto fantasiado apareça numa imagem do objeto meio que distorcida, opaca e sem lucidez; isto se deve ao fato de que estamos aqui no reino fantasia ou, nos termos husserlianas, da memória da fantasia. Assim, como na percepção, o objeto é transparente e nítido porque “presente”, na fantasia, o objeto fantasiado não se encontra de modo nenhum no nível mais da percepção porque tudo que esta tinha para doar ao objeto fantasiado já foi doado, logo, o carácter “representacional” agora é o que conta, pois, muito embora ainda haja uma relação entre o objeto perceptual e o objeto representado; a memória da fantasia, depois da atualização do ato primário, só vai evocar de agora em diante modos de apreensão representativos.

Sendo assim, o fluxo absoluto da consciência temporal do tempo exatamente no eixo de divisão e/ou cisão entre objeto perceptual de um lado e objeto representado de outro passa a ser representado em

parte pela percepção e em parte pela representação (Husserl, 2017). A unidade absoluta do fluxo da consciência interna do tempo passa a se “afrouxar”, ou seja, o liame que divide “atos perceptivos” e “atos representacionais” é, digamos, “emasculado”, ou seja, “cortado” e, então, a temporalidade de todos os momentos passa a envolver tanto presentificações perceptuais quanto presentificações da fantasia (Husserl, 2005; 2017). Toda a vez em que o fluxo absoluto da consciência interna do tempo é “cortada” significa dizer que as presentificações da imagem do objeto da fantasia se encontram mais uma vez em relação. Por outro lado, toda a vez que esta “relação” é “entrecortada” é sinal de que o objeto fantasiado está entrando em relação pela segunda vez com o objeto perceptual. Surge, então, daí, uma *impressão*. Para Husserl (2012), uma impressão originária é quando a aparição do objeto perceptual se superpõe à aparência da imagem do objeto. Dentro desta relação, surge a impressão originária, ou seja, a primeira impressão construída deste confronto. Assim, para cada impressão originária, um continuum temporal entre o objeto perceptual e o objeto representado (ou “fantasiado”). Assim, a imagem do objeto seria a presença do ato de percepção mais a presença “não-presente! do ato da fantasia. Isto nos leva a crer que o continuum temporal entre as presentificações da percepção e as retenções da fantasia passa a cocriar uma dada impressão, sendo esta “dada impressão” a impressão ou a sensação que eu tive do objeto ao aparecer pela primeira vez diante de mim. Isto Husserl (2012) chama de *impressão originária*.

O objeto fantasiado embora apareça para mim mais ou menos vago, ou seja, mesmo que eu, diante de sua aparição (da sua presença súbita) não reconheça inicialmente de qual porção de qualidade de objeto se trata, eu, então, espero um determinada porção de tempo para que o objeto se “estabeleça” ou se “estabilize” completamente; isto somente é possível quando o objeto fantasiado passa a, no fluxo absoluto da consciência interna do tempo, a flutuar até conseguir uma certa “aderência” na ligação dos traços dos seus atos representacionais e aí sim, portanto, *adquirir tonalidade, força, vitalidade* e, por fim, *vivacidade*. Neste sentido, a *vacuidade*, portanto, do objeto fantasiado é a de ser completamente “nulo” em carácter e conteúdo devido ao fato de que o objeto fantasiado “não está em lugar nenhum, nem no espaço, nem no tempo” (Brough, 2005). Contudo, esta tal “impressão” nos aparece diante de nós *inicialmente* quando necessariamente o objeto fantasiado ainda não entrou em relação com o objeto perceptual. Este carácter de “nulidade” ou de “vacuidade” presente na imagem do objeto fantasiado inicialmente que tal objeto é inteiramente vago porque é não-presente. Deste modo, se a impressão que eu tenho do objeto fantasiado não necessariamente se ligar ao objeto perceptual, eu posso me perguntar: “isto é uma *ilusão* ou uma *alucinação*”(?). De todo o modo, diante desta situação, Husserl (2005) observa que é como se houvesse uma *aura* “que fenomenologicamente distingue o objeto fantasiado do objeto percebido”. Esta *aura* é como se fosse um tipo de *energia modo-temporal* que, entre presentações, retenções e protensões, faz modificar

a qualidade e até a matéria do objeto fantasiado, inserindo aí, um tom e um teor próprios ao mundo da fantasia. Por fim, a ideia é que “esta aura” seja uma especie de “campo de energia” retroalimentada por atos representacionais que além de “corporificar”, através do momento temporal, os objetos fantasiados, abrem o caminho para novas presentificações. Neste sentido, o próximo tópico versará sobre esta tal “aura”

Husserl, na *Husserliana XXIII*, diz que há de existir uma especie de *aura* no interior e em torno da imagem do objeto da fantasia porque do próprio fundamento lógico e fenomenológico da imagem do objeto da fantasia é próprio dela (da “imagem”) a natural e, sobretudo, imanente “divisão” que há entre o objeto da percepção e o objeto da fantasia. Husserl (2005), então, diz que é natural do fenômeno da fantasia ter uma certa distinção entre algo que é percebido e algo que é representado. Neste sentido, ao nosso parco ver, tal “aura” adviria da problemática da temporalidade quando, no momento de uma “presentificação”, o objeto perceptual se torna um objeto fantasioso, neste caso, na forma de *imagem*. Sendo assim, a imagem do objeto fantasiado “toma” o horizonte do fenômeno do objeto perceptual e este doa um mero índice de apresentação para que a aparição da imagem do objeto fantasiado se torne “presentificada”> Neste ínterim, temos dois tipos de auras - a da percepção que envolve além do mais o estado estável e atual do objeto perceptual - e - por outro lado - a da fantasia que diz respeito ao estado instável, volitivo e inatual do objeto fantasiado. Segundo Husserl (2005), a aura da fantasia *neutraliza* a percepção, bem como a memória, fazendo-nos crer que os sucintos e sucessivos eventos e experiência que passam e transpassam diante de nós estão neste momento agora existindo porque é “como se” estivesse existindo “daquela outra vez”. Logo, para Husserl (2005), há uma aparente “neutralidade” nos atos da fantasia que “neutralizam”, por um dado momento, a passagem dos atos perceptuais, bem como das suas apreensões e apresentações. Desta forma, quando estou absorvido em uma cena da vida; a minha atenção, ou seja, a minha consciência intencional está voltada para somente este evento; mesmo que além deste estejam outros ocorrendo. Acontece que diante um evento como a “assistir a uma cena de um filme”, o mundo da fantasia entra em cena não necessariamente a “fantasia que é o cinema”. mas porque, agora, eu sentado na poltrona assisto a um filme e estou quase que completamente absorvido nele e, então, a “consciência de neutralidade” da fantasia “paraliza” o meu evento presente e faz “acontecer” aquilo que agora, mesmo existindo, não estar mais em meu alcance. que é o ato da percepção. Assim, neutralizando a minha percepção, como também a minha memória, eu agora só tenho acesso aos objetos e eventos que me ocorrem no dado filme, pois, a aura do meu ato de percepção fora paralisada por um dado momento.

Fantasia é também invenção. Husserl (2005) afirma que as fantasias que nós experienciamos ordinariamente não são jamais “puras fantasias”, mas “atos” em que nós fantasiamos uma *invenção* dentro de uma porção de realidade intuitivamente experienciada. Sendo a “intuição” uma “pura imediatez” e sendo

ainda ela um estado normalmente “transcendental”, a aura intuitiva da fantasia distribui de si, na forma de doação, um conjunto de inaturalidades representadas pelos seus próprios atos representacionais, ou seja, àqueles da fantasia. Deste modo, se eu foco a minha atenção somente na imagem do objeto da fantasia, todo o meu campo de percepção desaparece de uma maneira súbita. Mas, por outro lado, se eu foco a minha atenção no meu ato de percepção tão somente, irá desaparecer imediatamente do meu campo de visão a imagem do objeto fantasiado. Por isso, Husserl (2005) afirma “eu não posso está absorvido em ambos simultaneamente e não posso incluir ambos na mesma intenção. Ou seja, se me vem a intenção de focar a minha atenção no objeto da fantasia, a minha atenção plena, ou melhor, a plenitude de minha presença estará “grudada” no mundo representacional da fantasia, ocorrendo o inverso com a minha absorção com o meu ato de percepção. Assim, deste modo, a sobrevivência ou a saliência de um objeto perceptual ou um objeto fantasiado vai depender absolutamente da minha ciência que eu tenho com a minha intenção de escolher na minha liberdade qual dos dois eu deverei agora focar.

Segundo Brough (2005, p. 39, da introdução), “Se eu fantasio uma escultura, no meu campo perceptual o objeto fantasiado nunca aparecerá como genuinamente uma parte de meu campo visual, como uma escultura atual deveria [aparecer]. O objeto, superposto ao meu campo perceptual, deve pairar diante de mim no modo pelo qual os objetos da fantasia aparecem; mas ele deveria ainda formar uma realidade para si mesmo e não misturar com o que é atual”. Como dito anteriormente nos capítulos iniciais, é doado ao objeto fantasiado a forma bem como o conteúdo do meu ato perceptual que aparecerá para mim na forma de imagem do objeto fantasiado. Há, portanto, uma “doação” por parte do meu campo perceptual de todos os atos que nele se engendram, sendo assim, os atos perceptuais uma parte ou uma porção dos atos fantasiados. Como dito na seção anterior, os objetos fantasiados são por excelência “vagos” e/ou “escuros” porque falta a eles o animus do conteúdo dos atos perceptuais. Não que nos objetos fantasiados não existiria ali também vida, mas pelo simples fato de eles serem naturalmente, em sua essência, “vagos” e “escuros”; sem as apreensões e sem, portanto, os conteúdos dos objetos e atos perceptuais, os objetos fantasiados ficariam eternamente numa “escuridão” ou “nebulosidade” tão tamanha que, embora retroalimentados pelas retenções de seus atos representacionais, mesmo assim, não conseguiriam se “movimentar” ou mesmo até “animar” o fluxo absoluto da consciência interna do tempo, bem como consequentemente não conseguiria também “iluminar” todas as partes e porções “escuras” de seus atos representacionais. Assim, por eles serem, em sua inteireza eidética, totalmente “vagos” e “escuros”, sem a percepção, cairiam numa “vacuidade absoluta” e, se tornaria, dentro de uma idealidade transcendental, um “puro nada”.

Segundo Husserl (2005), os atos fantasiados são “temperados” principalmente pelos atos imaginativos, pois estes estão na base dos “julgamentos” e da reflexividade destes “julgamentos”. Husserl

diz que a “atualidade” dos objetos fantasiados inserida neles através dos atos perceptivos do meu campo perceptual é normalmente “concretizada” por meio dos “julgamentos” que são inferidos imaginativamente através dos meus “julgamentos” sobre a aparição dos fenômenos ordinários dos atos perceptuais presentes. Husserl (2005), portanto, descreve estes “julgamentos” como “julgamentos modificados”. E, na mesma linha de raciocínio, para Husserl, os atos, objetos e apreensões são absolutamente “entes modificados ou em vias de modificação” de modo que, na fantasia, todas as aparições dos fenômenos se conectam por intermédio de meras modificações. Deste modo, os atos fantasiados são, na verdade, *modificações* ligeiramente presentes em todo o fluxo absoluto de suas retenções, bem como em suas presentificações. A memória da fantasia, então, modifica necessariamente a aura que é recebida dos atos da percepção e, dentro de seu próprio ritmo eidético, passam a formular (ou a formar) um conjunto próprio e imanente de seus próprios atos representacionais; o que quer dizer que os objetos e atos fantasiados embora, em alguma parte e de alguma maneira, estejam correlacionados ao meu campo perceptual, sendo os atos deste “campo” relacionados também com os meus atos fantasiados; a fantasia tem, ela própria, o poder intrínseco de modificar toda esta aura recebida dos atos percebidos porque, a própria fantasia, tem a sua própria “aura”. Na boa parte da aparição dos objetos fantasiados, eu devo estar em conexão “viva” e, portanto, “afeccional” com os atos de minha percepção, ou seja, eu devo estar na presença de um objeto qualquer ou de um evento qualquer; atual e presente.

Com este sentido, há uma relação, digamos, “afetiva” entre os objetos perceptuais e os objetos fantasiados, pois aquilo normalmente que os liga é necessariamente a “aura” que advém do “choque do contato afeccional” entre um e outro. Segundo Husserl, há um paralelo de “sentimentos” ou “modos de sentir” entre os atos perceptivos e os atos representacionais e uma das coisas que provocam esta “afetuosidade originária” é a “aura” presente em ambos. Ao nosso parco ver, talvez, esta “aura” seja uma espécie de “porção de energia modo-temporal” constituída originariamente pelas apresentações, retenções e protensões presentes em todos os atos representacionais. Esta “energia” ou “aura”, na percepção, recebe o seu ânimo do mundo dos fenômenos enquanto que, na fantasia, o “alimento modo-temporal” é recebido energicamente, sobretudo, das retenções dos atos representacionais. Portanto, os atos da fantasia “excitam” e/ou “animam” as impressões de suas próprias retenções, fazendo “iluminar”, por intermédio destas “impressões” todo o campo representacional das retenções. Assim, tanto o mundo “ideal” da fantasia possui individualmente a sua “aura”, quanto o mundo atual da percepção também o possui individualmente.

REFERÊNCIAS

BÜHLER, K. **Teoría del lenguaje**. Madrid: Revista do Occidente, 1967.

HUSSERL, E. **Phantasy, consciousness of image and memory**. London: Springer Nature, 2005.

_____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

_____. **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

_____. **Investigações lógicas: prolegômenos sobre lógica pura**. vol. 1. São Paulo: Convivium, 2024.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RECANATI, F. **Perceptual concepts**: in defence of the indexical model. In: Synthese. v. 190, n. 10, 2013.